

2043
FAMÍLIA



Tão distantes, tão próximos

As famílias do futuro vão viver uma realidade complexa, provavelmente mais flexível e com lugar para diversas formas de ser, de conviver e de amar. Seremos mais autênticos, hiperligados como nunca. E sozinhos na multidão

P

Para os nascidos em plena era da internet – os *centennials* ou a geração Z –, o futuro começa agora, a uma década da revolução prevista pelo visionário Raymond Kurzweil. Para este futurista e diretor da Google, a fusão entre homens e máquinas (no âmbito da nanotecnologia) deverá estar completa pelo ano 2029.

A geração de nativos digitais, que cresceu rodeada de ecrãs inteligentes, imersa nas redes sociais, familiarizada com a cibersegurança, sistemas de videovigilância e assistentes virtuais do *smartphone* (este provavelmente obsoleto em 2043), vive a vida como um jogo não linear, pleno de virtualidades. Nesse jogo, comprar casa, casar-se, ter um emprego para a vida e vir a receber uma reforma são cenários jurássicos que contrariam o paradigma hiper-real, individualista, ancorado na economia da partilha e nos programas de Inteligência Artificial (IA), que vão permear, até, as



CENÁRIO OTIMISTA

Individualismo consciente
Mais pessoas a viverem sozinhas

Práticas inclusivas
Igualdade de género e aceitação da diferença

Diversidade amorosa
Fluidez sexual, conjugal e parental

Gerações ligadas
Mais bebés, bisavós ativos e tecnologia inteligente

Redes informais de apoio
Amigos, profissionais, sistemas de Inteligência Artificial



escolhas mais íntimas, por saberem tudo de uma pessoa com base na sua pegada digital.

A cientista de dados Dale Markowitz alvitra um cenário distópico, com cibercidadãos de todas as idades a conhecerem amigos e parceiros em função daquilo que ditar o algoritmo, capaz de, por exemplo, “identificar os utilizadores deprimidos ou ansiosos, a partir do que publicam, e rejeitá-los”. Um desafio de consciência com que teremos de lidar, sejamos ou não transumanistas (ou *cyborgs*), como vaticinavam os prognósticos.

Nesse cenário, contaremos com a presença incontornável da IA dentro de portas, “a acompanhar e a monitorizar a saúde dos mais velhos e a proporcionar experiências lúdicas imersivas a pais e filhos, como se estivessem no museu ou num parque de diversões”, afirma Filipe Carrera, coordenador da pós-graduação de Marketing Digital do IPAM (Instituto Português de Administração de Marketing), prevendo o impacto da “gamificação” na vida pessoal e familiar. “O cérebro não percebe a diferença entre sonho e realidade”, esclarece. Daqui a 25 anos é altamente provável que as formas tradicionais de encontro romântico coexistam com “ligações” a *bots* (diminutivo de *robot*), “companhias ‘fiéis’ e capazes de dar prazer sensorial sem os perigos e as complicações de uma relação”, numa sociedade que teme o fracasso e que educou os filhos com a proteção (ou o controlo) da tecnologia.

Coabitância de conveniência
Partilha em cenários de precariedade

Cultura defensiva
Hipervigilância, protecionismo, medo do diferente

Isolacionismo amoroso
Reféns do algoritmo e dos assistentes digitais

Desigualdade geracional
Infoexcluídos, lares sem crianças, idadismo

Retorno à casa
Família nuclear ganha força em tempos de crise

CENÁRIO PESSIMISTA

AMIGOS E EX EM ALTA

Admitindo que as gerações seguintes tendem a contrariar as dinâmicas das anteriores, é de antever “uma maior atenção na autenti-

cidade consigo mesmo e uma abertura para a diversidade relacional”, admite a socióloga Ana Cristina Santos, a coordenar um projeto europeu sobre as questões de intimidade entre pessoas LGBTQ. Os dados das entrevistas realizadas no âmbito desse projeto em três países da Europa do Sul – Portugal, Espanha e Itália – sugerem mudanças significativas nas dinâmicas pessoais e familiares.

Uma delas passa por “deixar de corresponder à expectativa social dominante, que inclui a monogamia”. A investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra elenca mais duas: “A conjugalidade vai perder a importância que tem hoje, convertendo-se numa fonte de bem-estar a par de outras, como a amizade”, podendo as funções parentais estar asseguradas por amigos e ex-companheiros(as). Além disso, “cada vez mais pessoas vão definir-se como não binárias (sem o critério masculino vs feminino) e as que são agora adultas terão netos em 2043”. Numa sociedade individualista, sem fronteiras claras e com graus variáveis de incerteza, emergem as “famílias de escolha, redes de cuidados informais que garantem segurança a crianças e a idosos”. É o caso das comunidades de pessoas amigas, sem família biológica, que adquirem bairros residenciais para se apoiarem no fim da vida (habitação colaborativa ou *cohousing*).

Voltando às famílias formadas por pessoas LGBT, é de esperar que elas aumentem significativamente, dada a maior visibilidade que têm e a aprovação de leis igualitárias. O investigador e terapeuta familiar Jorge Gato, que se dedica ao estudo das aspirações parentais destas famílias, concebe um futuro em que “os dias da mãe e do pai serão provavelmente substituídos pelo ‘Dia das Famílias’, mais inclusivo”.

NOVOS RITUAIS

“No futuro, haverá mais pessoas a viverem sozinhas, tendo ou não relações conjugais estáveis, algo que já é habitual em vários países europeus”, comenta a demógrafa Maria João Valente Rosa, baseando-se nos indicadores disponíveis (PORDATA). “Em dez anos, os filhos nascidos fora do casamento sem coabitação dos pais passaram de 6,3% para 17,1%, praticamente uma em cada cinco crianças.” A geometria e as dinâmicas familiares serão necessariamente diferentes, até pelo fator longevidade. O modelo “quatro filhos, dois pais e um avô” tende a inverter-se e a assumir a configuração de “filho único, dois pais – talvez em casas diferentes – e quatro avós”.

As famílias multigeracionais constituem um desafio para todos: os mais velhos, profissional e socialmente ativos, alguns a equacionarem a parentalidade tardia, tendo a opção da reprodução medicamente assistida.

3 perguntas a... Daniel Sampaio

Terapeuta Familiar | Professor Jubilado

Que impacto vai ter a convergência tecnológica na vida familiar?

O digital influenciará muito as relações amorosas, aproximando as pessoas por vias mais fáceis e sofisticadas, mas sujeitando-as a um maior escrutínio também, pelo controlo que os pais venham a exercer sobre os filhos ou entre parceiros. A automação pode mudar as formas de relacionamento, mas não explicará os sentimentos.

A família nuclear tende a manter-se?

Cada vez menos. O que vai aumentar: o número de casais a viver cada um na sua casa, homos e heteros, a adoção e mais crianças a viverem apenas com um adulto. Vingar-se a guarda partilhada e a residência alternada. A estabilidade nos relacionamentos amorosos é que não sei, a menos que educar para a sexualidade e os afetos venha a ser, já hoje, uma prioridade nacional.

É expectável vivermos mais tempo, embora mais sós?

Há muitos portugueses com doenças a partir dos 70 anos, mas isso pode mudar com o avanço da medicina. O grau de exigência que recai sobre as uniões por amor trará vicissitudes conjugais. A manter-se a fragilidade a este nível, poucos vão celebrar as bodas de ouro.

“NO FUTURO, HAVERÁ MAIS PESSOAS A VIVEREM SOZINHAS, TENDO OU NÃO RELAÇÕES CONJUGAIS ESTÁVEIS”

MARIA JOÃO VALENTE ROSA, demógrafa



Anália Torres, socióloga do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (ISCSP), prevê “um convívio mais intenso entre gerações e percursos mais individualizados fora da família”. Isso não tem de ser catastrófico: “As relações familiares são plásticas e resistentes, e constituem a rede de suporte de recurso e de resistência, quando há precariedade e quando o Estado Social falha.”

Casada com um colega de profissão e mãe pela segunda vez, a socióloga Elisabete Rodrigues acredita que o futuro será mais igualitário, com os pais das próximas gerações a lidar com o ‘novo normal’ da sexualidade e da identidade de género dos filhos: “Pais homofóbicos, preparem-se! Quanto a mim, se for o caso, vai ser engraçado levar as namoradas das minhas filhas a conhecer os seus avós, no Norte.”

Por mais voltas que se dê, todas as conjeturas fundamentadas convergem para um ponto-chave: a ideia de desapego das estruturas tal como as conhecemos.

A estrutura somos nós e esta deseja-se fluída. Francisco Miranda Rodrigues,

bastonário da Ordem dos Psicólogos, destaca a multiplicidade de opções disponível a todos, desde a infância, admitindo que “as crianças e jovens de hoje poderão ter em média 15 empregos ao longo da sua vida, não sendo possível prever que profissões existirão no futuro”. E as *soft skills* serão “competências-chave decisivas que as máquinas não conseguirão

ter”. ■ csaouares@visao.pt

